

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. Joel Martins. A coragem de ser educador. In: GARCIA, W. E. (Org.). *Educadores brasileiros do século XX*. Brasília: Editora Plano, 2002. p. 173-200, v. 1.

DILTHEY, W. *Psicologia e compreensão*. Lisboa: Edições 70, 2002.

\_\_\_\_\_. *Teoria das concepções do mundo*. Lisboa: Edições 70, 2001.

HUSSERL, E. *Introduction à la logique et à la théorie de la connaissance*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1998.

\_\_\_\_\_. *The crisis of European science and Transcendental Philosophy*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1970.

MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

SILVA, José Lourenço Pereira. Sobre o conceito de *noêm* em Parmênides. *Dissertatio*, Pelotas/RS, n. 32, p. 177-191, verão 2010. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/32/09.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

### Capítulo 3

## Pesquisa qualitativa fenomenológica: interrogação, descrição e modalidades de análises\*

Efetuar uma pesquisa que assuma a concepção de realidade e de conhecimento fenomenológica e, mais do que isso, proceder fenomenologicamente, ou seja, efetuando o próprio movimento de trabalhar com sentidos e significados que não se dão em si, mas que vão se constituindo e se mostrando em diferentes modos, de acordo com a perspectiva do olhar e na temporalidade histórica de suas durações e respectivas expressões mediadas pela linguagem e por ela transportadas, é um grande desafio.

Deparamo-nos com esse desafio logo ao nos colocarmos frente à interrogação que nos move, buscando expressá-la em uma linguagem proposicional que diga de nossa perplexidade. Esse é um momento importante para o pesquisador que, ao estar junto com seu grupo de pesquisa, vive as idas e vindas das incertezas e certezas já aludidas em capí-

\* Escrito por Maria Aparecida Viggiani Bicudo, professora Titular de Filosofia da Educação da Universidade Estadual Paulista — Unesp, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp-RC, pesquisadora do CNPq.

tulos anteriores, bem como a necessidade de escrever e modificar o escrito nova e novamente, por um espaço temporal não passível de mensuração. A prática de perguntarmo-nos pelo que a interrogação interroga, escrever sobre isso e discuti-la com o grupo tem se mostrado bem-sucedida no processo de conseguir clareza sobre o que se pergunta e visualizar caminhos possíveis.

Posta a interrogação, partimos para olhar o contexto das experiências vividas, pessoalmente e como estudioso do campo de inquérito, solo em que nos locomovemos com os autores lidos e outras possibilidades de encontro com o tema que nos enlaça. Sentimo-nos perplexos frente ao que nos é dado a perceber. Dada a complexidade intuída, buscamos pela perspectiva de onde olhar o fenômeno e o que mais vier ao encontro do que perguntamos. Configurada a perspectiva, é momento de dedicarmo-nos à busca dos modos pelos quais podemos obter dados significativos, ou seja, que se mostrem consonantes com a interrogação e perspectiva assumida. Trata-se de um movimento que enlaça, também, a procura pelos sujeitos significativos que possam dizer de experiências, vividas em seu cotidiano, concernentes ao interrogado, e de textos e obras importantes de autores significativos que de maneira mediada digam do perguntado.

Visualizados e assumidos quais são a perspectiva e sujeitos tidos como significativos, o passo seguinte incide sobre a modalidade do como constituir os dados e analisá-los. Por meio de entrevistas orais, escritas, filmagens de situações, leitura e interpretação hermenêutica de textos, outras possibilidades? Quais? De que maneira proceder? De imediato sabemos que todas essas modalidades podem ser entendidas como descrições de experiências vividas, com alguma discrepância em relação à leitura e interpretação de textos, uma vez que estes já transportam experiências vividas, agora postas em linguagem predicativa e escritas com o cuidado característico da região de inquérito na qual o texto está inserido.

Esse é um longo trajeto. É a temporalidade vivida durante a elaboração do projeto de pesquisa. É um tempo de clarear o que buscamos e de imaginar por onde poderemos ir.

Retomando o exposto no capítulo anterior, apontamos que a experiência vivida é o ponto de partida e o ponto de chegada da pesquisa

fenomenológica, como diz Van Manen (1990). Entretanto, como a experiência vivida tem uma estrutura temporal, ela nunca é tomada na imediaticidade de sua ocorrência, mas sempre é revelada na recolha e reunião do passado vivido, que também se projeta a um por vir. Portanto, jamais em sua riqueza de nuances que diriam da totalidade da vida, mas sempre em destaques de aspectos tidos intencionalmente como relevantes por aquele que as expressa. Estamos, humanamente falando, fadados ao movimento parte/todo, intuindo a totalidade e, assim, deixando sempre encoberto algo não dito e acrescentando algo, mediante o já expresso e culturalmente aceito e presente nos modos de dizer.

Além disso, os modos de expressão das experiências vividas podem assumir diferentes destaques, conforme a intenção de dizer daquele que as vivencia. O foco pode iluminar a expressão direta e imediata do vivido, em uma linguagem falada de modo ingênuo, ou seja, não predicativamente elaborado e pode ser também exposta predicativamente em textos que veiculem discursos inteligíveis elaborados pelo escritor. Neste caso, o texto revela o dito em contextos culturais nos quais o autor interroga realidades, buscando compreendê-las e expressá-las. Conforme nosso entendimento, ambos os modos de expressão descrevem o vivido, ainda que em diferentes graus de elaboração da linguagem. Mais do que isso, fica nítido que a experiência vivida é dada ao conhecimento sempre por mediação da linguagem, qualquer que seja a modalidade de expressão: linguagem proposicional falada e escrita, linguagem gestual, expressa por meio de figuras, sons, da arte plástica, da dança, do teatro, enfim pelas linguagens. O acima mencionado encontra, nos dizeres de Van Manen (1990), um modo claro de exposição que trazemos aqui para o leitor. Diz-nos:

Fenomenologia é, por um lado, descrição do vivido na qualidade da experiência vivida e, por outro, descrição do significado das expressões da experiência vivida. Os dois tipos de expressão parecem um tanto diferentes, no sentido que a primeira é uma descrição imediata do mundo-vida enquanto vivido, enquanto o segundo é uma descrição intermediada (ou mediada) do mundo-vida enquanto expressado em forma simbólica. (Van Manen, 1990, p. 25)

Essas diferenças conduzem a focalizarem-se mais um ou outro modo pelo qual a descrição é expressa. O primeiro caso leva ao que a expressão evidencia, indicando o fenômeno constituído no encontro ver-visto. Pesquisadores, como Amedeo Giorgi (1979), dedicam-se a essa modalidade, visando a estrutura do fenômeno, denominada *Fenomenologia Estrutural*. O segundo caso conduz a busca pela compreensão e interpretação do culturalmente presente ao mundo, levando à *Fenomenologia Hermenêutica*. Dentre os pesquisadores que assim procedem pode-se, por exemplo, citar Ricoeur (1978, 1988), ainda que ele faça alusão ao enxerto da Fenomenologia (Estrutural) à (Fenomenologia) Hermenêutica.

Nós temos assumido nas pesquisas que efetuamos, escrevendo textos, orientando alunos e investigando junto ao FEM,<sup>1</sup> que toda análise de descrição, por esta ser mediada pela linguagem (qualquer modalidade pela qual ela seja expressa), solicita um enxerto hermenêutico, para que, no movimento de compreensão do dito, já se proceda à abertura aos sentidos e significados expressos e transportados pelo modo de dizer pelo qual a descrição se doa à interpretação.

Antes de indicarmos modos de proceder às análises da descrição, deter-nos-emos na descrição e no seu significado para a Fenomenologia husserliana, estendida, mesmo que com modificações, aos seus seguidores.

Nos §§ 74 e 75 do *Ideias* (Husserl, 2006),<sup>2</sup> que trata das *ciências descritivas e exatas e da fenomenologia como doutrina eidética descritiva dos vividos puros*, encontramos um esclarecimento sobre a intenção de Husserl revelada ao tomar a descrição como crucial para o conhecimento fenomenologicamente produzido. Seguindo o caminho indicado pela sua interrogação primeira, que interroga a objetividade da aritmética (entenda-se dos objetos matemáticos), ele faz uma distinção entre os conceitos geométricos e os morfológicos. Os primeiros são *ideais*, exatos, cujos correlatos são encontrados nas essências, que possuem o caráter de *ideais* no sentido kantiano e que procedem eidética e dedutivamente, constituindo

1. FEM — grupo de pesquisa Fenomenologia e Educação Matemática, Unesp, Rio Claro, e credenciado junto ao CNPq.

2. Essa obra é publicada, em sua versão primeira, em 1913.

o campo das Ciências Exatas e não são afetos às formas fáticas sensível-intuitivas. Os conceitos morfológicos trabalham com tipos vagos de formas, apreendidas diretamente com base na intuição sensível e fixados conceitual ou terminologicamente de maneira vaga como eles. São imprescindíveis à esfera de conhecimento a que servem, sendo os únicos justificáveis. O campo de abrangência destes conceitos é aquilo que é fluido e constitui o campo das ciências puramente descritivas.

Temos, assim, a distinção epistemológica que sustenta a produção do conhecimento das Ciências Exatas e das Ciências Descritivas. Olhando-se de modo mais amplo, aqui encontramos, do ponto de vista da gênese da produção do conhecimento, a diferença entre as Ciências Exatas e as Ciências do Espírito (ou Ciências Humanas), como tem sido denominada grosso modo.

A Fenomenologia, diz-nos Husserl nos parágrafos indicados, “quer ser uma doutrina eidética descritiva dos vividos transcendentais puros em orientação fenomenológica” (Husserl, 2006, p. 161). Ela não opera por abstração sobre abstração, mas com o compreendido nos vividos reduzidos em intuição pura. O destacado por ele é o que se passa na esfera da consciência cuja peculiaridade é ser um flutuar que transcorre em diferentes dimensões. Assim, não é possível falar de uma fixação conceitual de qualquer momento desse movimento. Como exemplo, ele nos traz:

Tomemos um vivido do gênero “imaginação de coisa”, tal como nos é dado, quer na percepção fenomenológico-imanente, quer em outra intuição (sempre reduzida). Então o fenomenologicamente singular (a singularidade eidética) é esta imaginação de coisa, em toda a plenitude de sua concreção, exatamente como ela passa flutuando no fluxo vivido, exatamente na determinidade e indeterminidade com a qual a coisa é trazida à aparição, ora por estes, ora por aqueles aspectos, exatamente na mesma distinção ou turvação, na clareza oscilante e obscuridade intermitente etc., que lhe são próprias. (Husserl, 2006, p. 161)

A descrição descreve o movimento dos atos da consciência. Ela se limita a relatar o visto, o sentido, ou seja, a experiência como vivida pelo sujeito. Não admite avaliações e interpretações, apenas exposição do vi-

vido como sentido ou percebido. Porém, a preocupação da Fenomenologia não é se deter na descrição da experiência focando as nuances da sua individualidade, mas visa mostrar as estruturas em que a experiência relatada se dá, deixando transparecer, nessa descrição, as suas estruturas universais. Dito de outro modo, a Fenomenologia busca transcender o individualmente relatado na descrição e avançar em direção à estrutura do relatado, ou seja, do nuclear das vivências sentidas e descritas.

A pesquisa efetuada fenomenologicamente trabalha com descrições que se mostram como o material, também passível de ser compreendido como os dados, a serem analisados e interpretados. Apenas descrever sem evidenciar a estrutura do vivenciado e relatado não se consuma como uma investigação fenomenológica.<sup>3</sup> Essa é uma questão importante, para a qual chamamos a atenção do pesquisador que trabalha com dados qualitativos abordados fenomenologicamente ou que afirmem que estão se valendo de procedimentos fenomenológicos.

Sendo assim, a descrição não é suficiente, embora seja a que revele as vivências. Como já afirmamos em parágrafos anteriores, ela é efetuada mediante a linguagem, em quaisquer que sejam suas modalidades de expressão. Essa facticidade solicita um trabalho interpretativo hermenêutico, visando compreender sentido, significação e significado apontado na descrição.

Importa esclarecer ao leitor, antes de indicar modos possíveis de efetuar-se a análise mencionada, a concepção de linguagem assumida ao trabalharmos fenomenologicamente e diferenciar a investigação hermenêutica que efetuamos da análise de conteúdo, em termos da própria caracterização da Fenomenologia clareada ao olhar-se a força que a move. É preciso ter como foco que ela busca conhecer o que determinado fenômeno significa e como ele é experienciado. Sua proposta não é explicar ocorrências a partir de teorias e pressupostos já conhecidos.

3. Chamamos a atenção do leitor para esse aspecto crucial da pesquisa fenomenológica, uma vez que temos nos deparado com descrições de protocolos, entendidos como entrevistas, recortes de depoimentos etc., em artigos denominados científicos, em que os autores nada fazem além da descrição e a tomam na sua pragmaticidade, como sendo desse modo, sem interpretação ou efetivação de um movimento que conduza à estrutura do investigado. Sobre pesquisas assim efetuadas ver Bicudo e Paulo (2009).

A concepção de linguagem com a qual trabalhamos solicita sempre uma interpretação, pois presentifica uma síntese unificadora da *coisa percebida/percepção/elaboração do percebido na percepção/explicação do percebido*, embora aberta ao seu próprio movimento de *compreensão/interpretação/comunicação do percebido e elaborado nos atos da consciência*, trazendo, desse modo, a complexidade da relação *signo/sentido/significado/contexto histórico-cultural*. Como exemplo dessa afirmação, trazemos o trabalho em Kluth (1997) quando foca o conhecimento matemático. Explicita que, no ato da percepção da forma, está presente a norma, aquilo que faz a forma ser "a forma" que é. Ali está presente o seu sentido, sua razão de ser aquilo que é, uma razão que é percebida pelo corpo-próprio como ritmo, sujeito a uma elaboração individual, sensorial que poderá assumir um significado artístico nas mais variadas formas, bem como um significado matemático ou um significado da Física etc. Quando este significado é objeto da percepção mediado pela linguagem, traduzirá seu solo, o ritmo. Sabendo que a linguagem é polissêmica, o procedimento hermenêutico mostra-se significativo na busca do entendimento daquele constructo.

Destacamos essa síntese unificadora, pois é ela que inviabiliza a crítica comumente feita à Fenomenologia concernente à relatividade do conhecimento produzido que tem a percepção como primado. Inviabiliza, ainda, a crítica a ela endereçada sobre ser fundada na empiria pragmática, por assumir a experiência como fundante do conhecimento.

A explicitação pela linguagem do percebido e trabalhado pelos atos da consciência lança a experiência vivida pelo sujeito definitivamente na esfera da realidade intersubjetiva e objetiva, esta última entendida como tecida em redes de significados<sup>4</sup> que fazem sentido e são tomados, na esfera da intersubjetividade, como significativos e válidos para os contextos histórico-culturais aos quais se referem.

4. Rede é entendida como interligações de categorias, mostrando o próprio tecido dos sentidos percebidos e dos significados atribuídos. Não indica ordem lógica, nem hierárquica de valores. Pode ser interpretada a partir de qualquer ponto, porém nunca de modo isolado. Esta concepção de rede é explicitação do entendimento de Maria A. V. Bicudo e está referida na dissertação de mestrado de Verilda S. Kluth (1997) como explicação de sua orientadora, a própria Maria A. V. Bicudo.

Para Ricoeur (1978), toda linguagem, ao dizer, interpreta. Ela é, ao mesmo tempo, compreensão e interpretação da realidade, que também pode ser vista como autointerpretação daquele que diz, uma vez que o falante pode voltar-se sobre o dito e registrado, compreendendo-se nesse movimento reflexivo.

Ao efetuarmos um trabalho investigativo deparamo-nos, nesse momento do processo de pesquisa, com uma encruzilhada de caminhos passíveis de serem percorridos. Assumimos o caminho que conduz à estrutura da experiência vivida, focando o pré-teórico no campo perceptual tal como aflora de modo simples e direto na descrição, conforme Husserl e Merleau-Ponty apontam? Tomamos o caminho que visa a linguagem, mas evidenciando o que ela diz da experiência vivida pré-linguisticamente, sabendo que esse plano nunca é clareado de modo completo porque, no plano linguístico, o que é sentido ou vivido como obscuro, é expresso como equívoco, carregado de uma multiplicidade de significados e trazendo-nos a polissemia das palavras? Ou caminhamos em direção à análise da linguagem, destacando os textos e discursos<sup>5</sup> que veiculam, visando a obra produzida e materializada em contextos históricos e culturais?

As trajetórias a percorrer no movimento de investigação são indicadas pela interrogação formulada e pela perspectiva vista como significativa pelo pesquisador. A perspectiva assumida carrega consigo procedimentos específicos. Antes, porém, de falarmos desses procedimentos, vamos focar a diferença entre a análise hermenêutica efetuada fenomenologicamente e a análise de conteúdo, esta tomada em sua acepção geral.

De acordo com Van Manen (1990, p. 29) não se deve confundir a

análise fenomenológico-hermenêutica de textos com uma mera variação de técnicas bem conhecidas de análise de conteúdo, ou como idêntica à análise de codificação, taxinômica e práticas de organização de dados comuns à etnografia ou a *grounded theory*.

5. Entendemos discurso como a articulação de sentidos e significados expressos de modo inteligível. Esse entendimento é embasado em Heidegger (1988), que o explicita na obra *Ser e tempo*.

O ponto crucial da diferença entre ambas é a postura de investigação assumida. A Fenomenologia busca conhecer o que determinado fenômeno significa e como ele é experienciado. A análise de conteúdo implica que já se conhece antecipadamente o que se deseja conhecer de um texto. Esse modo de investigar indica os critérios para o trabalho de análise, evidenciando que já se sabe de antemão as características significativas do assunto sob investigação, como, por exemplo, o significado de gênero, feminilidade, sexualidade e assim por diante.

A análise hermenêutica de textos escritos em linguagem proposicional foca palavras e sentenças que dizem e o modo de dizer no contexto interno e externo ao próprio texto. Uma prática importante dessa análise é destacar as palavras que chamam a atenção em unidades de significado, ou seja, sentenças que respondem significativamente à interrogação formulada, e buscar pelas origens etimológicas, focando também o que querem dizer na totalidade do texto analisado e quais possíveis significados carregam no contexto do texto. A busca pela origem etimológica é importante para abrir-nos às formas originais dos termos de que nos valem em nosso cotidiano sem nos darmos conta dos laços que interligam sentidos e significados de experiências vividas importantes ao modo de ser do homem. Como exemplo, podemos trazer o significado de *cura*, o qual se ergue com força e nitidez no exercício hermenêutico que Heidegger (1988) faz e nos apresenta em *Ser e tempo*. Nesse exercício revela possibilidades de compreender *cura* como abarcando a unidade das determinações ontológicas do ser humano. Leva-nos a compreendê-la ontologicamente, mostrando ser anterior a toda atitude e situação ou modo de *estar* da presença, ou seja, do ser humano, que sempre se preocupa, ocupa-se previamente, com seu modo de existir, revelando que seu modo de ser é ser preocupado. A busca pela origem etimológica das palavras conduz-nos a compreensões surpreendentes e inusitadas, tirando-nos dos modos cotidianos de interpretar a linguagem. Pode nos conduzir, como no exemplo mencionado, a compreensões ontológicas, quando o próprio modo de ser do homem se revela. Transcendemos, assim, o imediato, não nos permitindo cair na armadilha da interpretação apenas pragmática.

Finalizando este capítulo e abrindo o que vem a seguir, nos próximos, apresentamos possibilidades de efetuarem-se análises de cunho fenomenológico que transcendam as descrições.

Tomamos as descrições apresentadas como relatos de experiências vividas, entendendo-as como um texto e o lemos muitas vezes, com a finalidade de compreender o que está sendo dito pelo sujeito e, focando a interrogação diretriz da investigação, destacamos *Unidades de Significado*. Estas são unidades que fazem sentido para o pesquisador, sempre tendo como norte o que é perguntado.

Conforme compreendemos e temos efetuado e orientado nossas pesquisas, as *Unidades de Significado* se constituem pontos de partida das análises, busquem elas pela estrutura do fenômeno, busquem pelo dito em textos que se mostrem significativos em relação à pergunta formulada e ao fenômeno sob investigação. Entendemos textos por uma totalidade que se destaca de um contexto sócio-histórico, de modo a trazer consigo o dito pelo sujeito que relata a experiência como por ele sentida. Trata-se de textos expressos de diferentes modos, como: pela escrita direta do sujeito relatando aquilo por ele percebido; gravações sobre depoimentos expostos pela linguagem oral e transcritas *in verbatim*; relatos do percebido pelo pesquisador a respeito de uma situação vivida pelos sujeitos pesquisados; filmes que registram em vídeo o movimento intencional do corpo-próprio, incluindo as falas; textos escritos que veiculam legislação ou que são *legalmente* aceitos como documentos históricos; textos filosóficos, científicos, históricos e literários publicados de acordo com os cânones de publicação editoriais.

Esses modos de registro solicitam maneiras apropriadas de análises interpretativas e de indicar transcendência ao tomado como individual, caminhando-se das análises ideográficas, ou seja, dos textos tomados individualmente, para as nomotéticas, que indicam a norma, ou seja, o que se mostra comum aos diferentes individuais.

Traremos, nos capítulos que seguem, modos de efetuar as análises e de apresentá-las, de acordo com a intenção que move a pesquisa. Mostraremos como efetuamos análises que buscam pelo invariante do fenômeno com e sem enxerto hermenêutico, e maneiras de organizá-las e

expô-las mediante quadros das análises ideográficas e das nomotéticas. Faremos uma discussão expondo nossa compreensão a respeito da interpretação dos invariantes destacados e respectiva abrangência.

Apresentaremos um capítulo sobre modos de expor os núcleos de ideias que não permitem separação de significações e significados, enrolando-se uns nos outros e conectando-se por fios de sentido que formam redes, que denominamos *Rede de Significações*. Elas revelam uma complexidade de articulações de sentidos não passíveis de serem em matrizes de dupla entrada.

Outro capítulo tratará de modos de analisar vídeos por meio de cenas, destacando as cenas significativas para articular as Unidades de Significado e proceder às análises nomotéticas.

Em um último capítulo apresentaremos análise e interpretação efetuadas fenomenologicamente de Projeto Pedagógico expresso por documento escrito.

Neste terceiro capítulo trouxemos ao leitor o movimento da própria pesquisa fenomenológica, como a temos compreendido e conduzido desde a década de 1980, quando, junto ao professor Joel Martins e grupo de alunos, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, constituímos grupo de estudo<sup>6</sup> sobre Fenomenologia e modos de proceder, de maneira rigorosa, a pesquisa fenomenológica. Mostramos o movimento da redução fenomenológica que percorre desde a focalização do fenômeno investigado, ao destacá-lo de um fundo e olhá-lo da perspectiva da interrogação formulada, até a indicação dos invariantes.

## Referências bibliográficas

BICUDO, M. A. V.; PAULO, R. M. *Um exercício filosófico sobre a pesquisa em Educação Matemática no Brasil*, 2009. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/trabalhos/30/mariaaparecidalista.html>>. Acesso em: 29 maio 2010.

6. Este grupo de estudo constituiu-se na semente da SE&PQ — Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos <[www.sepq.org.br](http://www.sepq.org.br)>.

GIORGI, A. *Dusquene studies phenomenological Psychology*. Pittsburgh: Dusquene University Press, v. III, 1979.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978.

VAN MANEN, M. *Researching lived experience. Human Science for an action sensitive Pedagogy*. London: The State University of New York, 1990.

KLUTH, V. S. *O que acontece no encontro Sujeito-Matemática?* 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

## Capítulo 4

### Análise fenomenológica estrutural e variações interpretativas\*

A Fenomenologia Estrutural visa a estrutura do fenômeno percebido. A interrogação que move a investigação é *o que é isto, o fenômeno?* Portanto, está direcionada aos aspectos ontológicos disso que se mostra.

O parágrafo acima traz dois termos importantes e que solicitam que sejam focados seus significados — fenômeno e ontológico — olhados da perspectiva da modalidade de pesquisa aqui em evidência, para avançarmos em direção aos procedimentos da análise estrutural.

Fenômeno, como mencionado em capítulo anterior, significa o que se mostra para quem olha intencionalmente, interrogando-o. Não se trata de um ente *em si*, objetivamente dado e passível de ser apreendido em sua totalidade, manipulado em seus aspectos físicos e pragmáticos. Ele não se deixa aprisionar em categorias previamente estabelecidas que o definam e expliquem, uma vez que se mostra em perfis alinhados, conforme as perspectivas de onde é visado. Essas perspectivas são dadas pela posição ocupada por aquele que o visa, posição essa entendida na materialidade do corpo-encarnado que sempre é um ponto de convergência de tempo e espaço, não estático. É esse o sentido da afirmação de Merleau-Ponty (1994)

\* Escrito por Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Professora Titular de Filosofia de Educação — Universidade Estadual Paulista — Unesp, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp-RC, pesquisadora do CNPq.